

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JULIANA MARIA DOS SANTOS DUARTE

**OS MODELOS DE CARREIRA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO
IDENTITÁRIA DO TRABALHADOR: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA
FUNÇÃO PSICOLÓGICA DO TRABALHO**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

JULIANA MARIA DOS SANTOS DUARTE

**OS MODELOS DE CARREIRA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO
IDENTITÁRIA DO TRABALHADOR: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA
FUNÇÃO PSICOLÓGICA DO TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

JULIANA MARIA DOS SANTOS DUARTE

**OS MODELOS DE CARREIRA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO
IDENTITÁRIA DO TRABALHADOR: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA
FUNÇÃO PSICOLÓGICA DO TRABALHO**

Este exemplar corresponde à redação final
aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso
de JULIANA MARIA DOS SANTOS
DUARTE.

Orientador: Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro
de Lima

Data da Apresentação: 12/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima

Membro: Profa. Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues/UNILEÃO

Membro: Profa. Esp. Bruna Gomes Dantas/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

OS MODELOS DE CARREIRA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO TRABALHADOR: Uma análise sob a perspectiva da função psicológica do trabalho.

Juliana Maria dos Santos Duarte¹

Italo Emanuel Pinheiro de Lima²

RESUMO

Esse estudo adotou como objetivo principal investigar de qual forma o processo de subjetivação do trabalhador é afetada por essas duas vertentes de carreira (tradicional e atual), compreendendo as exigências e transformações modernas de trabalho. A metodologia empregada nesse artigo, foi de uma revisão integrativa realizada no mês de outubro de 2021, tendo como base de dados o Periódico CAPES e as combinações dos descritores “Identidade Social” e “Escolha Profissional”, bem como, a combinação das palavras-chave “Carreira” e “Identidade”. Foram adotados enquanto critérios de inclusão, artigos da literatura dos últimos 10 anos, em português e publicados em revistas da psicologia. A análise dos dados contidos nesses estudos se estruturou através da leitura da metodologia, tipo de pesquisa, objetivo central e principalmente, os conceitos, abordagens e bases teóricas utilizadas para fundamentação das pesquisas. Participam dos resultados e discussão desse estudo, sete artigos selecionados de um total de 268 que surgiram anterior a leitura para pré seleção. A revisão integrativa tornou possível perceber leituras voltadas para histórias reais, absorvidas na experiência do campo. Dessa forma, por mais que estejamos diante de pouco material, foi possível perceber a propriedade com que se tem debatido as nuances contemporâneas do trabalho, bem como, sua implicação para vida do trabalhador.

Palavras-chave: Carreira. Trabalho. Identidade. Função Psicológica do Trabalho.

ABSTRACT

This study adopted as its main objective to investigate how the process of subjectivation of the worker is affected by these two aspects of career (traditional and current), understanding the demands and modern transformations of work. The methodology used in this article was an integrative review carried out in October 2021, using as database the CAPES periodical and the combination of descriptors "Social Identity" and "Professional Choice", as well as the combination of keywords "Career" and "Identity". We adopted as inclusion criteria, literature articles from the last 10 years, in Portuguese and published in psychology journals. The analysis of the data contained in these studies was structured by reading the methodology, type of research, main objective, and mainly, the concepts, approaches, and theoretical bases used to support the research. Participating in the results and discussion of this study are seven articles selected from a total of 268 that appeared before the pre-selection reading. The integrative review made it possible to perceive readings focused on real stories, absorbed in the field experience. In this way, even though we are facing little material, it was possible to perceive the property with which the contemporary nuances of work have been discussed, as well as its implication for the worker's life.

Keywords: Career. Work. Identity. Psychological Function of Work

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: juliana.mdsd@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: italo@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Buscar definir carreira implica encontrar uma variedade de significados envolvendo esse termo. Não é de hoje que a discussão acerca desse tema tem proporcionado olhares múltiplos para o seu entendimento, sendo associada a emprego remunerado, vocação, ocupação, trajetória profissional, conquista pessoal, realização de desejos, sentimento de pertencimento a um grupo profissional, entre outros. Há ainda uma característica importante enfatizada por Bendassolli (2009) que aborda a carreira enquanto mediadora de questões que envolvem a sociedade, as organizações, as relações de trabalho e o sujeito, ocupando lugar de discussão entre a sociologia, administração e psicologia do trabalho.

Em termos históricos os primeiros estudos realizados em meados da década de 1970, apontavam a carreira como um processo que ocorria dentro de uma organização. Estabilidade, ascensão hierárquica, poder, status, interdependência entre empresa e funcionário, eram algumas das características desse modelo mais tradicional. Essa abordagem se vincula ao modo organizacional proposto pelo Taylorismo e mais a frente, pelo Fordismo. A carreira é pensada dentro de uma progressão interna, onde de forma prolongada, o indivíduo busca por segurança dentro dessa empresa. No entanto, com o aumento da competitividade e crescimento do processo de globalização, novas teorias foram surgindo envolta da década de 1980, ao qual pontuavam transformações e mudanças nesse modelo tradicional. O cenário atual então, insere particularidades ao dito novo modelo de carreira, onde seu desenvolvimento não estará diretamente associado a uma organização. Transpondo os muros da empresa, essa deixa de ser o principal espaço para a construção da carreira, passando para o trabalhador uma maior autonomia nesse processo. Estamos falando de autogestão, independência, proatividade, busca constante por novos conhecimentos, flexibilidade e redirecionamento de carreira (SILVA et al., 2012).

Nota-se que esses movimentos tornam possível falar sobre carreira associada ao trabalho sem ser necessário direcionar a uma única organização, uma vez que o desenvolvimento do trabalhador será percebido tanto nas suas experiências instituições variadas, quanto fora delas. Nesse percurso de formação, o sujeito segue atribuindo sentidos e significados em todos os seus contextos individuais, que paradoxalmente, se constrói através dos inúmeros processos de socialização ao longo do percurso de vida. Nesse ponto, o trabalho é visto como fator integrador das esferas da vida social proporcionando manter as relações com si mesmo e com o mundo em um movimento dialético e constante. Essa leitura concede

ao presente estudo uma possibilidade de perceber o trabalho enquanto contribuinte para a formação de identidade do sujeito, de modo que esse último se desenvolve “no e pelo trabalho”, assim como é trazido na compreensão da clínica da atividade de Clot (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Surge então o questionamento de “Como os modelos de carreira podem constituir a identidade do trabalhador frente as condições sociais e contemporâneas de trabalho?” É a partir dessa pergunta que esse estudo tem como objetivo principal investigar de qual forma o processo de subjetivação do trabalhador é afetada por essas duas vertentes de carreira (tradicional e atual), compreendendo as exigências e transformações modernas de trabalho.

Para isso, o estudo terá como fundo principal o conceito de função psicológica do trabalho proposto por Meyerson em 1955, ao qual foi mais recentemente ampliado por Yves Clot ao falar sobre a clínica da atividade. O primeiro autor pontua sobre os requisitos de pensar o trabalho e o sujeito de maneira separada, sendo possível a partir disso perceber a função deste trabalho na constituição da pessoa. Clot ao tratar da função psicológica do trabalho, insere um processo de personalização que irá se estabelecendo através das construções sociais da vida (religião, família, comunidade e trabalho). Como já trazido nesse texto, a função desse último seria então, de integrar todas as composições dessa pessoa e assim, constituir sentido de vida e desenvolvimento humano (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Especificadamente, essa pesquisa se propõe a proporcionar uma discussão da função psicológica do trabalho, entendendo esse último como uma atividade mediadora na constituição do sujeito, para que dessa maneira seja possível compreender o alcance dos novos modelos de carreira na realidade do trabalhador.

2 METODOLOGIA

Sendo uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, esse estudo trata de uma pesquisa bibliográfica realizada através de uma revisão integrativa. Essa última assim como trazido por Souza, Silva e Carvalho (2010) tem por finalidade tornar possível sintetizar o conhecimento e sua aplicabilidade de acordo com os estudos encontrados na literatura. Ainda conforme os autores, é ser considerada o método de revisão com maior amplitude de estudos, podendo estes serem experimentais ou não sobre o fenômeno estudado. Acrescido a isso, Botelho, Cunha e Macedo (2011) enfatizam o caráter de investigação e análise de pesquisas anteriores que visam através da revisão integrativa, possibilitar novos conhecimentos.

Tendo como base as seis etapas definidas por Souza, Silva e Carvalho (2010) a presente pesquisa através da pergunta problema e temática levantada na introdução, teve o método da revisão integrativa realizado em outubro de 2021. Para isso, dentre os primeiros passos se deu a escolha dos descritores, aos quais se resumiram em dois: “Escolha da Profissão” e “Identidade Social”. De acordo com o significado apontado pelo Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), o primeiro diz respeito a uma escolha voltada para ocupações, profissões e carreiras. Já o segundo estaria relacionado ao processo de formação de autoimagem baseado na referência de um grupo social. A principal estratégia de busca foi de realizar uma pesquisa a partir da combinação entre esses dois escritores. Vale ressaltar que a alternativa de realizar uma revisão através desses descritores se deu pelo fato de proporcionar uma maior assertividade e rigor científico em relação ao tema. No entanto, buscando ampliar as possibilidades de análise como também adotando uma estratégia de identificar para além desses descritores, realizou-se uma busca de estudos com as palavras-chave “Carreira” e “Identidade”.

A biblioteca virtual utilizada foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e os critérios de inclusão foram: trabalhos publicados nos últimos 10 anos apenas em periódicos da área da psicologia, em português. Foram excluídos estudos que estivessem fora desses critérios e que não abordassem o processo de escolha profissional, carreira e identidade. Para a pré seleção dos achados, foi levado em consideração a leitura prévia do título, resumo e palavras chaves. Nos casos necessários, foi também efetuado a leitura na íntegra do texto completo.

Para a análise de dados e apresentação dos resultados e discussão, foram analisados a metodologia empregada nos estudos, amostragem, tipo de pesquisa, conceitos utilizados, objetivo principal e método de análise.

3 CONTEXTUALIZANDO OS MODELOS DE CARREIRA

As escolhas e inclinações tidas pelo sujeito dizem muito sobre os significados que estes têm sobre sua trajetória profissional. Empregar valor e sentido ao trabalho é imprescindível para se pensar o que move cada um a se despor a realizar determinada atividade, visto que diariamente estaremos empenhados sobre ela. Camus (1941) ao problematizar uma comparação do mito de Sísifo com a condição humana de trabalho, propõe perceber que a vida do homem rotineira é tal qual o do ser mítico retratado na história: realizar a mesma tarefa todos os dias. No percurso histórico do mundo do trabalho, podemos

destacar alguns momentos relevantes para se problematizar os modos de organização e atividade laboral, desde seus processos de repetição até ampliação do mesmo. Dentro dessa perspectiva, esse tópico se estrutura no sentido de traçar um breve percurso histórico sobre os modos de trabalho para então conceituar e compreender o significado de carreira. Essa por sua vez, aqui será sempre pensada sob o olhar de dois modelos principais.

De maneira breve, podemos situar algumas características de modelos clássicos (Taylorismo e Fordismo) e novos modelos (compreende-se a abrangência de possibilidades contemporâneas) de organização de trabalho que ilustram e influenciam até hoje a compreensão tida de carreira. Conforme Calvosa (2010) o Taylorismo alinhado a sua proposta de Teoria da Administração Científica, irá contribuir para uma organização hierarquizada e sistemática do trabalho, onde o empregado aproveita ao máximo suas aptidões naturais com a finalidade de produzir mais em menos tempo. Já o Fordismo enquanto segundo movimento que surge na história na primeira metade do século XX, propõe um formato de trabalho massificado em que o trabalhador está limitado na sua atuação. Sob o efeito do princípio da montagem, a ideia é que o trabalho vem até o operário (não o contrário) tornando cada vez menos necessário a qualificação e incentivo a uma atuação frequente do trabalhador.

No início da década de 1970 presenciamos uma crise na era Fordismo que proporciona o declínio de um movimento que há 20 anos vinha sendo adotado nas organizações. A era Pós-Fordismo é então “caracterizada por sua flexibilidade, seus mercados segmentados, suas tecnologias multifuncionais e seus cargos gerais diferenciados” (CALVOSA, 2010, p. 92). Isso aponta para uma série de movimentos que emergiram e transformaram o cenário de trabalho. A partir disso, estamos falando de modelos que se contrapõe a ideia de rigidez e engessamento predominante na sociedade ocidental.

Ainda em meados da década de 1970, os primeiros estudos sobre carreira começaram a surgir e ganhar espaço nas discussões. Durante a década de 1960 a carreira era marcada pela relação de lealdade do trabalhador com a organização ou empregador. O quadro é de pouca participação e hierarquia rigorosa como vinha sendo desenhada pelos modelos industriais. Com o passar para a década de 1970, autores como Douglas Hall e Edgar Schein contribuíram no avanço sobre carreira, ao discutirem o impacto da flexibilização do trabalho e a ampliação do papel da mulher enquanto representantes da chefia familiar, que para eles, alteraram a dinâmica das relações de trabalho Silva et al. (2012 apud ARTHUR, 1994). Nos períodos seguintes, novas configurações são acrescentadas a essa realidade mediante crescimento da globalização, competitividade crescente do mercado, melhoria contínua, trabalho em equipe e flexibilidade na jornada de trabalho (SILVA et al., 2012)

Essa trajetória permite ilustrar a carreira a partir de dois modelos (tradicional e moderno), conforme divisão traçada por Chanlat (1995) que se torna foco de estudo da presente pesquisa. Por esse motivo, já mencionamos anteriormente nesse trabalho algumas características tidas em cada modelo de carreira, desde as principais pontuações do modelo tradicional até o moderno. O que se busca nesse tópico é aprofundar algumas questões e fundamentar a base da discussão desse estudo. Dito isso, Chanlat (1995) revela os seguintes pontos sobre a tradicional carreira:

“A carreira é feita por um homem, pertencente aos grupos socialmente dominantes. Ela é marcada por uma certa estabilidade e uma progressão linear vertical. Esse modelo tradicional está em perfeita ressonância com uma sociedade em que a divisão sexual do trabalho interditou por todas as práticas a carreira das mulheres, a homogeneidade da população maior, a instrução estava desigualmente repartida e as grandes organizações ofereciam empregos, estabilidade e aberturas.” (CHANLAT, 1995, p. 72)

Importante ressaltar assim como trazido pelo autor, que esse é um modelo que está presente na sociedade atual, como também, determinadas indústrias e áreas de engenharia e finanças. Tampouco se faz necessário destacar que o texto ao qual Chanlat (1995) descreve esses aspectos, busca problematizar quais carreiras e para quais sociedades estas são possíveis de serem vistas, nos levando a observar o contexto ao qual esses modelos estão sendo empregados. Por isso, essa forma de funcionamento por mais que opere na realidade atual, ela deve ser vista diante das suas transformações e alterações que se passou durante esses anos. O próprio autor destaca que em países como Japão, Suécia e Estados Unidos há consideráveis diferenças, pois considera a realidade cultural um fator essencial para análise de carreira.

A abordagem moderna surge então (além dos marcos já destacados) mediante as seguintes transformações sociais: diminuição das buscas por empregos estáveis e que ofertem apenas boa remuneração; declínio nos valores e éticas vigentes no trabalho; encurtamento do horizonte profissional e preocupações financeiras vistas já há um curto prazo. Essas mudanças convocaram as organizações a pensar uma proposta de gestão de carreira cada vez mais atual, instável e dentro de uma possibilidade de progressão não continuada do empregado. Com isso, podemos visualizar alguns modelos emergentes dentro dessa abordagem, tais como: Carreira Sem Fronteiras, Carreira Proteana, Carreira Multidirecional, entre outros (CHANLAT, 1995).

Dentro dessa perspectiva avançamos para se pensar que a carreira vai se associando a um percurso histórico-cultural do indivíduo, de maneira em que cada sujeito encontra mais espaço para adquirir experiências variadas ao longo do tempo. A partir disso, Tolfo (2002)

questiona até que ponto estaremos falando sobre a existência de uma carreira, se esta estará apenas para aqueles que possuem um emprego e as competências da empresa ou se em determinado ponto poderemos estar falando da extinção da carreira em um outro extremo de leitura.

Para pontualmente discutir essa problematização, seguiremos um conceito de carreira trazido por Bendassolli (2009) que parte de uma perspectiva da psicologia do trabalho, onde o mesmo diz a carreira será resultado de um processo de construção. Essa por sua vez será regida pelo indivíduo, que assim como destacado no início desse texto, irá atribuir sentidos e significados a sua trajetória. O sujeito interpreta e concede sentido as suas experiências de trabalho e nisso, consta a sua carreira. Vale ressaltar que Bendassolli (2009) atribui a esse indivíduo um aspecto de consciência de si mesmo, em que este se movimenta em busca das suas realizações, desejos e satisfações.

4 FUNÇÃO PSICOLÓGICA DO TRABALHO

Partindo da ideia que pensaremos a construção identitária do trabalhador com base em uma análise da função psíquica que o trabalho tem sob essa formação, esse tópico tem a finalidade de apresentar as principais inquietações no que diz respeito a esse conceito. Enquanto categoria teórica, buscaremos tê-la como base fundamental para traçar um entendimento que encare a forma ativa do sujeito em lidar com as transformações no mundo do trabalho.

Para compreender o conceito de função psicológica do trabalho, é preciso revisitar algumas postulações e caminhos adotados por Yves Clot, visto que suas contribuições marcam a ampliação das discussões entorno da psicologia do trabalho. Influenciado por Ivan Oddone na década de 1980, Clot inicia seus estudos na busca enfatizar uma psicologia para os trabalhadores ao qual pensa o trabalho como atividade fundamental para o desenvolvimento do homem. Parte do ponto de vista de várias análises, como por exemplo a ergonomia, para pensar o processo de subjetividade e de atividade, entendendo essa última como ponto chave para entender a função psicológica exercida pelo trabalho (ANJOS; MAGRO, 2008).

Em uma conferência realizada em 2007 no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, o professor Yves Clot constrói uma fala que abrange todo o percurso tido pelos teóricos que se propunham a realizar uma análise do trabalho. Durante a apresentação da conferência, Clot aborda historicamente as principais contribuições tidas em três gerações distintas, mas que em determinada medida, foram sendo

complementares na sua constituição (CLOT, 2010). Sem se deter a esmiuçar os detalhes de cada geração, adotaremos como foco inicial nesse tópico, a terceira geração ao qual o teórico mencionado faz parte. Além de trazer o seu destaque para esse período, também traz como contribuinte para essa geração, o Louis Le Guillant.

Brevemente vale situar que esse último autor ressalta um aspecto negativo do trabalho, que até então não vinha sendo destacado diante de uma perspectiva positivista. O que Louis Le Guillant faz, é ilustrar o trabalho como um processo de sobrecarga ao qual o sujeito se perde nisso. Seus estudos se voltam a compreender de que maneira o trabalhador consegue suportar esse nível de situação adoecedor, entendendo essa sob uma instância de condição social. Dentro de uma linha da psicopatologia do trabalho, Guillant pensa sobre uma subjetividade que se constrói socialmente de maneira alienada e que será acessada através da escuta, palavra e diálogo. É nessa influência que Clot inicia a problematizar o caráter da ação mediante a fala (CLOT, 2010).

A clínica da atividade de Yves Clot tem como concepção central, sistematizar um método de análise que torne possível observar a situação do trabalho. Sua proposta é de através da palavra encontrar ferramenta de ação e transformação da realidade. Nesse ponto, Clot também já questiona os aspectos entorno da atividade, uma vez que para ele, a atividade ultrapassaria o plano apenas da realização. Atividade seria também aquilo que o sujeito não pode fazer, e no ato de querer e buscar fazer, é que se encontra o seu real desenvolvimento (CLOT, 2010). Dessa maneira, o homem escolhe “desenvolver-se no e pelo trabalho” uma vez que interiormente no trabalho ele irá encontrar meios de dar sentido a sua vida (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014, p.139).

Podemos então visualizar a implicação da função psicológica nessa clínica. Olhar para a subjetividade do sujeito diante do exercício de sua atividade, torna possível entender que o trabalho exerce uma função psicológica específica que destoa do que é desenvolvido pela ergonomia e pela psicopatologia do trabalho. Mediante as demais atividades vistas na realidade do indivíduo, dentro de uma leitura psíquica, trabalhar significa traçar uma objetivação de si, ao passo que irá se integrar os aspectos da vida do sujeito (ANJOS; MAGRO, 2008). Atenta-se ao fato de que há um aspecto exterior a esse sujeito que invade a sua constituição, mas que ao mesmo tempo, também é invadido por ele. Essa dialética está presente em Bendassolli e Gondim (2014) quando falam sobre a tríade conceitual que permeia a ideia de sentido, significado e função psicológica do trabalho:

“(...) Isso justifica dizer que significado e sentido compõem uma unidade fractal e representativa de uma unidade, pois representam, em menor escala, a dialética que

marca as relações entre o particular e o geral, entre o indivíduo e sociedade (...) Sentido e significado do trabalho representam a unidade que integra o trabalho como algo imposto socialmente e ação intencional de se constituir como pessoa. Portanto, a função psicológica do trabalho é servir de mediação no processo de objetivação do sujeito e subjetivação do mundo.” (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014, p. 141)

Com isso, o conceito de função psicológica do trabalho avança com a leitura de Yves Clot ao passo que se entende essa última como a relação entre sentido e significado, dependendo desses dois últimos para percebermos a constituição da pessoa. É uma dialética em que de um lado encontra-se o introjeto de regras e normas, e de outro, o processo autônomo do sujeito. Trabalho nesse sentido é visto como uma atividade mediadora da articulação entre esses sentidos e significados (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Retomaremos os aspectos do sentido e significado do trabalho no ponto da discussão desse estudo, resgatando uma leitura que alcança diretamente a vertente de perceber o trabalho nesse processo de construção dialética entre o sujeito psíquico e o mundo externo.

5 IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA NAS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO.

Enquanto categoria que ocupa lugar estruturante na vida do sujeito, o trabalho detém uma série de características que podem ser visualizadas desde o seu nascimento e constituição. Schawartz (2010) remete ao trabalho como a própria base para se fazer história, escapando esse de qualquer definição simples e ao mesmo tempo sendo uma evidência real do seu significado. Em sua constituição e nas várias possibilidades de definições, o trabalho historicamente agrega significados que se aproximam e se distanciam a partir da perspectiva teórica em que esse está sendo visto. Sem buscar traçar um percurso meramente histórico sob a constituição do trabalho, esse tópico se estrutura afim de através de um breve resgate, sintetizar o espaço ocupado pelo trabalho nas discussões da psicologia.

Tomando como ponto de partida a Terceira Revolução Industrial que conforme Amaro (2014) é marcada na década de 1970 pelas mudanças tidas pela crise fordista, teremos como principal transformação a passagem para a acumulação flexível de capital. Estamos nos referindo a uma evidência maior no advento a informática e formas de comunicação. A nível social essa transformação modifica o sistema produtivo, tendo um crescimento na prestação de serviços, em que o indivíduo passa a ser o produtor-consumidor, distanciando-se da ideia de estabilidade, empregos duradouros e proteções sociais da identidade do trabalhador. Ao contrário dos modelos de taylorismo-fordismo que se pautavam em uma racionalização científica e no controle dos tempos e movimentos dos trabalhadores, o capitalismo como

marco contemporâneo torna o próprio indivíduo como produtor das suas satisfações finais. Como dito por Alliez e Feher (1988) o Homo economicus não é um trabalhador-consumidor livre, mas sim, produtor. Nesse sentido, ele passa mais tempo produzindo do que de fato usufruindo os frutos da sua produção.

Em um segundo movimento de transformação da esfera do trabalho, nos deparamos com as reflexões tidas mediante processo de subjetivação. O que vale pontuar nesse momento é que a subjetividade enquanto expressão interior do sujeito, torna-se matéria prima de produção (não só apenas no trabalho) uma vez que se expressa através desse. Dentro dessa perspectiva, é possível investigar a noção de trabalho também pela experiência tida pelo sujeito, dentro de uma característica do fazer laboral, abarcando suas especificidades e variações (AMADOR, 2014).

De modo geral avança-se para um terceiro movimento onde há o acréscimo do advento da clínica da atividade como uma vertente para olhar as relações de trabalho. Clínica essa que aponta para o desvio, afirmando os possíveis desdobramentos e incentivos de bifurcações. Quanto a isso Amador (2014) afirma:

“Interessa-nos produzir uma clínica nesse campo que, por entre suas contribuições, permita-nos a afirmação das infinitas possibilidades de vida e o incentivo a uma relação inventiva com o trabalho por onde possam ser colocadas em questão as relações entre saber-poder-verdade na esfera do trabalho cotidiano, potencializando problematizações relativas aos modos como nos tornamos sujeitos trabalhadores e possibilitando movimentos éticos de afirmação da diferença de si e dos modos de trabalhar.” (AMADOR, 2014, p. 263)

Destacamos esse caráter clínico do trabalho, em consonância com Bendassolli (2011) que aponta a via clínica como um dos caminhos aos quais a psicologia se apropria das reflexões que perpassam as discussões de trabalho. No entanto, antes de explanar o aspecto clínico dessa apropriação, ilustraremos como se deu a inserção da psicologia nesse meio e consequentemente suas contribuições.

A psicologia então se implica dentro dessas reflexões do trabalho por duas vias as quais Bendassolli (2011) denomina de constitutiva e reconstitutiva. Segundo o autor, a via constitutiva se revela ao passo em que o fazer da psicologia, reproduziu uma série de tradições e diretrizes já existentes. Já no que se refere a perspectiva reconstitutiva, a psicologia começa a introduzir suas próprias contribuições a partir de seus próprios instrumentos. As entradas da psicologia se dão através da organizacional, social e clínica, ao qual terão suas contribuições para esse percurso. A primeira diz respeito a um construto em

que a organização é vista enquanto sistema que integra uma engrenagem de subsistemas, levando ao surgimento de assuntos como desempenho organizacional. Nessa primeira abordagem, encontram-se aspectos como motivação do trabalho e desenvolvimento profissional a nível de competências que o sujeito irá adquirir no espaço da organização. A perspectiva da via social traça um caminho (visto como crítico) em que se aborda o trabalho enquanto objeto que extrapola os limites da organização. Nesse meio há dois conceitos importantes a serem destacados: representação social e identidade (BENDASSOLLI, 2011).

Por fim, a apropriação da psicologia na clínica “talvez seja nessa via que ocorra, com maior nitidez e transparência, a valorização do trabalho como um meio de sustentação do sujeito psíquico.” (BENDASSOLLI, 2011, p. 80) Isso porque as clínicas do trabalho surgem através da influência da ergonomia e de abordagens socio-histórica, como possibilidade de pensar a atividade na sua real configuração. Além disso, as clínicas do trabalho se voltam a pensar dentro de um caráter social e não de intervenções individuais e isoladas (BENDASSOLLI, 2011).

Na clínica da atividade, Clot irá propor uma linha em que pensa o trabalho e sua relação com a atividade, sendo essa muito além do que realizado, abrangendo inclusive o não realizado como material de análise do trabalho. Esse último dentro dessa clínica, se configura perante um caráter ativo e terá na ação, a possibilidade de transformação da realidade (LIMA, 2010). Dentro dessa perspectiva, com base da teorização explanada até aqui, iremos tratar do trabalho enquanto agente de transformação. As problematizações e inquietações obtidas nesse tópico, nos serve para observar a aproximação que a psicologia tem feito do trabalho e sua implicação nos significados e sentidos trazidos pelo indivíduo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar a busca no Periódico CAPES com os descritores escolha da profissão e identidade social juntamente com os critérios de inclusão estabelecidos, surgiu na literatura um total de 212 trabalhos aos quais após leitura dos resumos e pontos principais, ficaram selecionados cinco. Já na segunda combinação, com as palavras-chave carreira e identidade, de um total de 56 trabalhos, foram selecionados dois desses. Nesse ponto, vale considerar que seis trabalhos aparecem repetidos (dentre os já selecionados) a primeira busca, sendo então escolhido apenas em uma das combinações. Participam então dessa discussão sete artigos ao total, ao qual estão em resumo na “Tabela 01. Síntese dos artigos da revisão integrativa” inserida final desse tópico. A análise dos dados contidos nesses estudos se estruturou através

da leitura da metodologia, tipo de pesquisa, objetivo central e principalmente, os conceitos, abordagens e bases teóricas utilizadas para fundamentação das pesquisas.

Do total dos sete estudos que integram essa revisão, cinco se voltam a pensar o processo de identidade e carreira através da perspectiva de socialização e escolha profissional. Ressaltamos que isso se justifica no fato de a palavra “Identidade” e “Carreira” não se enquadrarem enquanto descritores, levando a termos um direcionamento através dos descritores “Identidade Social” e “Escolha Profissional”. Dessa maneira, as cinco pesquisas se caracterizam como estudos qualitativos que discutem a formação identitária por meio do processo de socialização, ampliando a visão para se pensar o simbólico e as representações sociais em que as profissões estudadas possuem. Em sua maioria são estudos desenvolvidos na região Sul e Sudeste, entre os anos de 2016 e 2018, tendo o profissional docente como público mais estudado dentre os demais.

Nos trabalhos intitulados *Carreira docente em Educação Física: história de vida de uma professora emérita*. (SILVA et al., 2018), *O processo de socialização na construção da identidade dos bibliotecários em Santa Catarina*. (SPUDEIT; CUNHA, 2016), *As representações sociais na construção da identidade profissional e do trabalho docente* (GEBRAN; TREZIVAN, 2016) e *Processos de socialização do professor formador nos cursos de licenciatura em matemática: o emergir da identidade docente*. (NETO; COSTA, 2018) encontram-se alguns aspectos similares que nos auxiliam na discussão dessa pesquisa.

Primeiramente como já mencionado, esses trabalhos visam debater sobre um processo de socialização. Utilizaremos a definição trazida por Dubar (1997 apud NETO; COSTA, 2018) em que esse momento é visto como a entrada do indivíduo no “mundo vivido”, iniciando assim, a fazer parte do mundo simbólico e cultural da sociedade. Conforme os autores, esse movimento se inicializa na infância e irá se estruturando enquanto base para a formação do sujeito. A discussão que acompanha essa teorização, remete ao movimento de objetivação e subjetivação da vida do sujeito ao qual se ampara na dialética apontada por Bendassolli e Gondim (2014), permeando a ideia de absorção de normas e regras. Os estudos apontados na literatura tocam nesse aspecto ao passo que abordam a temática dentro de um percurso histórico cultural do sujeito.

O trabalho enquanto fazer laboral irá se voltar para os aspectos subjetivos do sujeito para se constituir enquanto tal, uma vez que como apontado por Amador (2014), investigar a noção de trabalho se dará por intermédio da experiência do sujeito. A literatura atual tem demonstrado isso nas suas propostas de debate que se pautam no histórico de vida, perpassando pelos aspectos de formação educacional, profissão e realidade de cada

profissional. Dessa forma, pode-se inferir que o trabalho é abordado nessa revisão sistemática como um fenômeno social que nos possibilita exercer para além de uma constituição isolada e individual do sujeito.

Voltando-se para a função psicológica do trabalho enquanto mediadora do processo de objetivação do sujeito e subjetivação do mundo (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014) podemos pensar o quanto a profissão tem se fortalecido como estruturação para a subjetividade do indivíduo, sendo visto fatores que direcionam desde a escolha dessa profissão até a aposentadoria (caso do estudo de SILVA et al., 2018). Tem um caráter de representatividade que podemos perceber a partir do que se concede como representações sociais, abordado em todos os artigos citados até aqui. No artigo “*Memória e identidade: o processo de herança no Mercado Municipal de Montes Carlos – MG, Brasil*” (GUIMARÃES; DOULA, 2018) se evidencia a revelância que a representação social tem para o processo identitário, uma vez que essa, conforme trazida pelas autoras transcende inclusive, a temporalidade.

Santos (2006) ao discorrer sobre uma análise psicológica do trabalho tendo como base a obra de Clot, remete a atividade do trabalho como algo que se constitui em um universo compartilhado com outros. Chama a atenção para o fato de que a atividade profissional não se constrói de maneira isolada (mesmo que seja executada individualmente), uma vez que há um coletivo em que se desenvolve uma espécie de coatividade. Segundo a autora, Clot aponta para uma atividade como sendo dirigida para os outros. É nesse aspecto que pensamos o lugar em que o outro ocupa enquanto representação profissional, entendendo esse local como algo que permeia o cenário social que tem história e que assim como trazido no artigo, terá uma característica de herança herdada.

Enquanto discussão central nessa revisão, retomaremos o conceito de carreira a partir desse ponto. Nota-se que a carreira aqui é debatida como uma construção, implicando perceber que é regido pelo indivíduo ao passo que esse tece sentidos e significados a essa formação (BENDASSOLLI, 2009). Dessa forma então, resulta-se que na literatura é possível compreender os fatores que direcionam a carreira enquanto constituinte da formação identitária do sujeito, indo além da configuração de carreira enquanto um direcionamento tão e somente pessoal.

Olhando para os estudos achados por meio da combinação “Carreira” e “Identidade”, com os títulos: “*Carreira sem fronteiras: limite e aplicabilidade de uma teoria clássica.*” (SEWAYBRICKER, 2018), e “*Geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações*” (COMAZZETTO et al., 2016), nota-se que há um material escasso para analisar a carreira dentro de uma proposta formativa de identidade. Variando do ano de 2013

até o dia 2018, de maneira geral esses estudos tocam em importantes pontuações sobre a carreira em seu formato contemporâneo, uma vez que o primeiro estudo tem como objetivo investigar a aplicabilidade de um tipo de carreira, enquanto o segundo objetiva pensar sobre a existência das diferentes geracionalidades no mercado de trabalho. De maneira similar, a carreira aqui é encarada mediante características de autonomia, qualificação e formação adequada. O trabalho nessa linha adota uma configuração de ser um lugar em que o sujeito almeja bem estar através desse espaço.

Se torna pertinente perceber que estamos falando de um trabalho que se movimenta mediante díspares transformações no mundo capitalista. Conforme Antunes (1953) em uma escala global nos deparamos de um lado como uma redução no proletariado industrial (em especial em países onde o capitalismo se mostra avançado), e de um outro, enfrentamos um aumento ao subproletariado. A classe trabalhadora passa a estar diante de duas tendências que caminham de maneira paralela: o avanço do desemprego estrutural e o aumento em trabalhos precários, terceirizados e cada vez mais vinculados a uma “economia liberal”. Na era ocidental estamos perante uma sociedade que se volta para a oferta de serviços onde de maneira contraditória, continua a estar amparada no acúmulo de capital (ANTUNES, 1953).

Nesse cenário, se valendo do pensamento marxista, Antunes (1953) ainda proporcionar pensar o trabalhador enquanto agente que está ao lado do trabalho e não mais como personagem principal. Refere-se então ao trabalhador sendo o supervisor e controlador da produção daquilo que consome, ao qual corrobora com o pensamento de Alliez e Feher (1988) sobre o homem se voltar cada vez mais para a produção do que de fato para o consumo dos “frutos” de sua atividade. Nota-se que a lógica capital proporciona uma inversão nesse pensamento ao passo que diante do aumento dos serviços terceirizados, o trabalhador passa a estar diante de um discurso que lhe aparente ser mais autônomo dessa linha de produção. Mas retomamos a ideia dita acima: ele não terá tempo ou condições para usufruir desse produto final. O capitalismo opera em cima dessa contradição, pois da mesma maneira que faz surgir essa vertente liberal, ele também sucumbe com as possibilidades de alcançar a máxima desse discurso. Há uma mudança da forma de encarar a vida, que a lógica do capitalismo torna cada vez mais inalcançável. (ANTUNES, 1953).

Ainda como trazido por Antunes (1953) há uma contradição frente a essa problemática porque o capital converte o tempo do trabalho em uma diminuição para apenas ser visto dentro do tempo necessário de produção. Ao mesmo tempo insere uma medida crescente (é preciso superar o tempo necessário) como condição excedente para se chegar à excelência e qualificação esperada. Isto quer dizer que há um excedente que é visto como

valor e riqueza desse trabalho, que não está apenas em um plano da materialidade, muito pelo contrário, esse valor se configura enquanto imaterialidade. Para finalizar esse pensamento, Antunes (1953) se vale da ideia marxista para enfatizar a seguinte tendência:

“Enquanto perdurar o modo de produção capitalista, não pode se concretizar a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor, mas, isto sim, uma mudança no interior do processo de trabalho, que decorre do avanço científico e tecnológico e que se configura pelo peso crescente da dimensão mais qualificada do trabalho, pela intelectualização do trabalho social.” (ANTUNES, 1953, p. 53)

As transformações e mudanças na realidade do trabalho moderno, operam sobre os moldes e trajetórias que a carreira do trabalhador irá se estruturar. Quando Chanlat (1995) descreve a abordagem moderna de carreira, há uma ênfase a essas transformações no intuito de trazer à tona as características tecnológicas e científicas que passam a ser identificadas como valor do trabalho. Sewaybricker (2018) e Perrone, Vasconcellos e Gonçalves (2016) quando pensam as nuances da carreira sem fronteiras e as implicações da geração y no mercado de trabalho, proporcionam perceber que há exigências e uma tendência a encarar o caráter imaterial visto a partir da ampliação do conhecimento e da intelectualização como valor do fazer laboral. No entanto, esses estudos abordam essa perspectiva de uma maneira indireta, sendo necessário maiores aprofundamentos e direcionamentos para se pensar a carreira dentro da contemporaneidade.

Outro ponto, é que assim como afirmado por Antunes (1953) as exigências contemporâneas tornaram claro uma tendência ao processo de qualificação do trabalho, em detrimento a desqualificação de trabalhadores que não caminham na mesma lógica dessa nova concepção. Isso implica dizer que há como consequência uma superqualificação de vários ramos de atuação, mas também, uma desqualificação em outros. Podemos inferir nessa argumentação que as características de ambos modelos de carreira (tradicional e moderno) coexistem em volta dessa sociedade que tem complexificado a realidade da classe trabalhadora. Todavia, nessa pesquisa não iremos aprofundar as condições de coexistência desses dois modelos, uma vez que não encontramos material que subsidie essa discussão de maneira aprofundada.

O fato é que com o apanhado até aqui exposto, é possível perceber uma discussão que entende a construção psíquica do sujeito dentro da perspectiva de carreira enquanto uma constituição que vai para além de uma escolha feita pelo sujeito. Tampouco, os resultados aqui esclarecidos nos levam a perceber a necessidade de uma ampliação desse debate, uma

vez que a literatura encontrada não tece maiores interpretações acerca da carreira e a formação identitária em um locus moderno.

Título	Autores	Periódico (vol., nº, pg., ano)
Descritores “Escolha da profissão” e “Identidade social”		
Carreira docente em Educação Física: história de vida de uma professora emérita	Luana Jaqueline da Silva; Alexandra Folle; Gelcemar Oliveira Farias; Alzira Isabel da Rosa.	Movimento, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 199-214, jan/mar.2018.
O processo de socialização na construção da identidade dos bibliotecários em Santa Catarina	Daniela Spudeit; Miriam Vieira da Cunha.	Em questão, Porto Alegre, v.22, n.3, p.56-83, set/dez. 2016
As representações sociais na construção da identidade profissional e do trabalho docente	Raimundo Abou Gebran; Zizi Trezivan.	Acta Scientiarum. Education, v.40(2), e34534, 2018.
Processos de socialização do professor formador nos cursos de licenciatura em matemática: o emergir da identidade docente	Julio Henrique da Cunha Neto; Valdina Gonçalves da Costa.	Educ. Matem. Pesqu., São Paulo, v.20, n.1, pp. 419-447, 2018
Memória e identidade: o processo de sucessão e herança no Mercado Municipal de Montes Carlos – MG, Brasil.	Thaynara Thaissa Dias Guimarães; Sheila Maria Doula.	Mundo Agrario, vol. 19, nº 40, e078, abr/2018.
Palavras chave “Carreira” e “Identidade”		
Carreira sem fronteiras: limite e aplicabilidade de uma teoria clássica.	Luciano Espósito Sewaybricker	Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 38, nº 01, 129-141, 2018.
Geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações.	Leticia Reghelin Comazzetto; Cláudia Maria Perrone; Silvio Jose Vasconcellos; Julia Gonçalves.	Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 36, nº 01, 145-157, 2016.

Tabela 1. Síntese dos artigos da revisão integrativa

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo, pudemos percorrer uma discussão que abre espaço para observar as implicações que atravessam os modelos de carreira e a formação identitária do sujeito. Compreendemos que esse percurso tornou possível perceber os modelos de carreira como influentes na construção do sujeito, de maneira a direcionar muitos dos sentidos e significados que o mesmo vai empregando na sua realidade de trabalho.

Quando voltamos ao objetivo principal desse estudo, nos deparamos com a proposta de investigar esse campo ainda de maneira teórica e sob a ótica do conceito de função psicológica do trabalho. Considera-se inicialmente que esse estudo se mostra promissor e relevante por proporcionar a problematização dessas questões, mas, no entanto, a proposta de Yves Clot direciona pensar a atividade através da palavra ouvida do trabalhador. Com isso, há uma brecha metodológica que essa pesquisa (por se tratar de uma revisão integrativa), não encontra espaço para alcançar mediante limitações de contato com o trabalho em sua experiência. O apontamento principal, é que através de uma leitura empirista será possível inferir maiores aspectos para direcionar a função psíquica enquanto mediadora dos sentidos e significados do trabalho, sendo um caminho possível para futuros estudos.

A nível das pesquisas encontrados através dessa revisão integrativa, nitidamente fica claro a pouca produção que abarque a temática principal desse estudo. Esse ponto fez com que a discussão desse trabalho necessitasse conversar com literaturas outras para até determinado ponto, compreender as possíveis contribuições já feitas dentro dos arranjos encontrados. A revisão integrativa tornou possível perceber leituras voltadas para histórias reais, absorvidas na experiência do campo. Dessa forma, por mais que estejamos diante de pouco material, fica claro a propriedade com que se tem debatido as nuances contemporâneas do trabalho, bem como, sua implicação para vida do trabalhador. Acrescido a isso, vemos que os trabalhos são relativamente atuais, tendo as últimas sido publicações feitas no ano de 2018. Esse aspecto aponta para o fato de ser um tema atual que tem surgido com relevantes colocações para acompanhar as transformações do mundo do trabalho.

Enquanto um construto histórico, cultural e social, a carreira se mostra como um fenômeno que se envolve com uma série de fatores. Olhando para as condições reais de trabalho, poderíamos estender o debate fazendo recortes que abordasse gênero, raça, inclusão, diversidade, educação e tantas outras temáticas que são centrais para pensar carreira e identidade. Teríamos ainda outros conteúdos a inserir nessa leitura psíquica do trabalho, a depender da “lente” que usaríamos para visualizar essas questões. Mas novamente, como esse não foi o objetivo desse estudo, considera essa reflexão como uma possibilidade para apontamentos posteriores. O que vale considerar diante as discussões tecidas nesse artigo, é que ao se deparar com condições sociais e contemporâneas do trabalho, o sujeito encara as suas possibilidades reais frente ao trabalho, sendo este então, estruturado socialmente.

É preciso ressaltar que cada vez mais estamos diante de movimentos que ampliam as exigências de qualificação, bem como, o discurso intensificado da necessidade de ser adquirido novas competências para atuação nos ditos novos modelos de carreira. No entanto, em

contrapartida, visualizamos cenários de precarização que torna complexa a realidade da classe trabalhadora. Dentro dessa perspectiva, há uma série de condições que tornam esses modelos difíceis de serem aplicados. Indaga-se então, até que ponto podemos estar diante da real possibilidade de adesão dessas propostas.

Isso posto, cabe ao profissional da psicologia e principalmente aos profissionais da área que atuam nos espaços organizacionais, apropriar-se dessas temáticas afim de contribuir com a criação de estratégias que fortaleçam a ideia de carreira como uma construção que não se faz sozinho. Além disso, o lócus do trabalho será fonte primordial para que psicólogos e psicólogas possam encontrar abertura para pensar a identidade frente a atividades laborais. Se partimos da premissa que há uma mediação psíquica desempenhada pelo trabalho, poderemos instigar a abertura de um campo que acolha a subjetividade de cada trabalhador sem imprimir um discurso dominante, e nesse sentido, inviável para aqueles que não estejam dentro dessas condições. A clínica da atividade se revela como um caminho interessante para se pensar desvios e desdobramentos dentro desse contexto.

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, E., e FEHER, M. Os estilhaços do Capital. In ALLIEZ, E. (Org.), **Contratempo: ensaios sobre algumas metamorfoses do capital**. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1988.

AMADOR, Fernanda Spainer. Três movimentos para problematizar o trabalho contemporâneo. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**, Rio Grande do Sul, v. 17, n.2, p. 255-265, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000300008. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

ANJOS, Daniela Dias dos; MAGRO, Raquel Souza. A função psicológica do trabalho. **Pro-Posições**, São Paulo, v.19, n. 1, pg. 55, jan./abr, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/pXZDPM8JzLLxMxfTRg43K5R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 de novembro de 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 11 ed (2006). São Paulo, Cortez, 1953.

BENDASSOLLI, Pedro. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Rae**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, dez. 2009.

BENDASSOLLI, Pedro; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances En Psicologia Latinoamericana**, Colombia, v. 32, n. 1, p. 131-147,

set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a10.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

BENDASSOLLI, Pedro. Crítica às apropriações psicológicas do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, Rio Grande do Norte, v. 23, n. 1, p. 75 – 84, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6jrFXRsQcdbkPYbY98wcJjc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, nov. 2011. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: 01 out. 2021.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. São Paulo: Exilado dos Livros, 1941. *Ebook*.

CALVOSA, Marcello. Tecnologia e organização do trabalho. **Cederj**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-336, jan. 2010. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/5279>. Acesso em: 18 de agosto de 2021.

CHANLAT, Jean François. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração das Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, dez. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9BSKB7zXvc4Gkkzjf6St6xc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 de outubro de 2021.

CLOT, Yves. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 207 – 234, jan/abr, 2010. Disponível: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/9pTnMd8M6mKNwnXKpFGSNNf/?lang=pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

COMAZZETTO, Leticia Reghelin; PERRONE, Claudia Maria; VASCONCELLOS, Silvio Jose; GONÇALVES, Julia. Geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 36, nº 01, 145-157, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/sMTpRhKxjvNjr7wQV9wFksH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

GEBRAN, Raimundo Abou; TREZIVAN, Zizi. As representações sociais na construção da identidade profissional e do trabalho docente. **Acta Scientiarum. Education**, v.40(2), e34534, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/34534>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

GUIMARÃES, Thaynara Thaissa Dias; DOULA, Sheila Maria. Memória e identidade: o processo de sucessão e herança no Mercado Municipal de Montes Carlos – MG, Brasil. **Mundo Agrário**, vol. 19, nº 40, e078, abr/2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/845/84554490001/>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Abordagens clínicas e saúde mental no trabalho. *In*: BENDASSOLLI, & L; SOBOLL (Orgs.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

NETO, Julio Henrique da Cunha; COSTA, Valdiana Gonçalves da. Processos de socialização do professor formador nos cursos de licenciatura em matemática: o emergir da identidade docente. **Educ. Matem. Pesqu.**, São Paulo, v.20, n.1, pp. 419-447, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/28065>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

SANTOS, Marta. Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. **Laboreal [Online]**, Porto, v. 2, n. 1, p. 2 – 14, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/13678>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 19 – 45, 2011. Disponível: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HTF7DtBVhZfgVZXqhkPX4Mx/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 20 de outubro de 2021.

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. Carreira sem fronteiras: limite e aplicabilidade de uma teoria clássica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 38, nº 01, 129-141, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/WNCB3DDvLjYpbTFZyyM6QbS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

SILVA, Rodrigo Cunha da; DIAS, Carolina Aparecida Freitas; SILVA, Maria Tereza Gomes da; KRAKAUER, Patrícia Viveiros de Castro; MARINHO, Bernadete de Loures. Carreiras: novas ou tradicionais?: um estudo com profissionais brasileiros. **Recape - Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 19-39, abr. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/9337>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

SILVA, Luana Jaqueline da Silva; FOLLE, Alexandra; FARIAS, Oliveira Gelcemar; ROSA, Alzira Isabel da. Carreira docente em Educação Física: história de vida de uma professora emérita. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 199-214, jan/mar.2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/66937>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einsten**, Três Lagoas, v. 1, n. 8, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2021.

SPUDEIT, Daniela; CUNHA, Miriam Vieira da. O processo de socialização na construção da identidade dos bibliotecários em Santa Catarina. **Em questão**, Porto Alegre, v.22, n.3, p.56-83, set/dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/63691>. Acesso em: 3 de outubro de 2021.

TOLFO, Suzana da Rosa. A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. **Rpot**, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p. 39-69, dez. 2002. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v2n2/v2n2a03.pdf>. Acesso em: 18 de agosto de 2021.